

A IMPOSSIBILIDADE DO REVOLUCIONAR-SE: UM OLHAR SOBRE OS PROLETAS EM 1984, DE GEORGE ORWELL

Douglas ERALLDO¹

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo refletir sobre a força inerte e a “incapacidade” do revolucionar-se diante de regimes autoritários ou totalitários. Partindo da perspectiva dos proletas no romance *1984*, de George Orwell, se problematizará a experiência dramática dos marginalizados e oprimidos subjugados pela violência do poder.

PALAVRAS-CHAVE: Totalitarismo; distopia; autoritarismo; George Orwell; 1984;

Publicado em 1949, *1984* foi o último trabalho do escritor britânico George Orwell, pseudônimo de Eric Arthur Blair, nascido em 25 de junho de 1903 na Índia, onde seu pai trabalhava para o império britânico. A obra é um dos frutos da jornada do autor contra as ideologias totalitárias. Orwell que lutara em 1937 contra o regime de Franco – inclusive participando dos campos de batalha – e seus fascistas simpáticos ao regime nazista, por meio de artigos e em seus livros como *1984* e seu predecessor *A Revolução dos Bichos*, encontrou na literatura uma forma de resistir e enfrentar os ideais totalitários que assombraram a primeira metade do Século XX. Todavia, como demonstra Erich Fromm (2013, p.373) não se pode tomar *1984* por mera denúncia do stalinismo, pois “na verdade, ele fala sobre um progresso que também está acontecendo nos países industriais do ocidente, apenas num ritmo mais lento...” Desde então, *1984* tornou-se literatura de referência para reflexões sobre o totalitarismo, constituindo junto de *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley (1932), *Nós*, de Yevgeny Zamyatin (1924) e *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury (1953) o quarteto essencial das obras que vieram a constituir o gênero conhecido por distopia. É nessa perspectiva que observamos o que diz Fromm sobre a obra:

A IMPOSSIBILIDADE DO REVOLUCIONAR-SE: UM OLHAR SOBRE OS PROLETAS EM 1984, DE GEORGE ORWELL

1984, de George Orwell, é a expressão de um sentimento, e é uma advertência. O Sentimento que expressa é de quase desespero acerca do futuro do homem, e a advertência é que, a menos que o curso da história se altere, os homens do mundo inteiro perderão suas qualidades mais humanas, tornar-se-ão autômatos sem alma, e nem sequer terão consciência disso (FROMM, 2013, p.365).

As distopias, então, a partir do contraponto e mesmo do questionamento dos ideais utópicos têm na desesperança e no desespero elementos estruturantes que propõem um novo e sombrio olhar sobre o mundo, de modo estarão intrinsecamente ligadas a seus respectivos contextos sociais e históricos.¹ Contudo, neste trabalho não desejamos aprofundarmo-nos nas questões relativas às narrativas distópicas, mas dedicar melhor atenção a um elemento do romance que nem sempre é lembrado por leitores ou críticos. O romance que geralmente é abordado a partir das ferramentas e mecanismos de controle ou por seu anti-herói Winston Smith, tem nos proletas uma lacuna que muitas vezes carece de uma reflexão mais ampla. Mas antes de atermo-nos a estes constituintes da narrativa orwelliana, precisamos discorrer brevemente sobre a questão da resistência, exclusão e literatura.

Para esta reflexão sobre os proletas de *1984* recorreremos a Alfredo Bosi, com seu *Literatura e Resistência* (2002). Nele o autor propõe *existir pelo menos duas maneiras de considerar a relação entre a escrita e os excluídos*. Nessa perspectiva, de acordo com Bosi:

¹ Observamos neste trabalho Antônio Candido (2006: 12) “Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra”.

Mosaico (Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP) São José do Rio Preto, SP – Brasil, 2017.

A primeira, em geral praticada pelos historiadores de literatura, consiste em ver o excluído social ou marginalizado como objeto da escrita. Objeto compreende temas, personagens, situações narrativas. A tarefa do estudioso seria, nesse caso, pesquisar os modos de figuração das camadas mais pobres na poesia, na prosa narrativa, no teatro, no repertório de uma literatura ou ao longo de um ciclo histórico-cultural(...). Há uma segunda maneira de lidar com a relação entre o excluído e a escrita. Em vez de tomar a figura do homem sem letras como objeto, procura-se entender o pólo oposto: o excluído enquanto sujeito do processo simbólico (BOSI, 2002, pp. 257-9).

Pretendemos neste trabalho refletir sobre os excluídos (os proletas) enquanto sujeitos do processo simbólico. Mas importa-nos também, considerar como a resistência é transposta para as narrativas. Para isso, vale ressaltar a afirmação de que “a resistência é um conceito originariamente ético, e não estético” (BOSI, 1996, p.11) e ainda de acordo com Bosi, em termos de resistência:

O seu sentido mais profundo apela para a força da vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia. O cognato próximo é in/sistir; o antônimo familiar é de/sistir (BOSI, 1996, p.11).

Adentrando a resistência como tema da narrativa, Bosi (1996, p.18) mostrará que a aproximação do termo à “arte”, “cultura” e “narrativa”, “foram pensados e formulados no período que corre, aproximadamente, entre 1930 e 1950, quando numerosos intelectuais se engajaram no combate ao fascismo” (BOSI, 1996, p.18). A partir de suas observações, Bosi concluirá que:

O tema da resistência se universaliza na cultura existencialista. Confere uma dimensão ética a uma atitude que transcende o fato da oposição direta ao nazifascismo. Trata-se, para Camus e Sartre, de fundar uma palavra radicalmente antiburguesa, não-

Mosaico (Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP) São José do Rio Preto, SP – Brasil, 2017.

conformista, revolucionária, voltada para a construção do novo Homem em uma perspectiva imanente (BOSI, 1996, p.22).

Por conseguinte, o autor prosseguirá em suas reflexões tratando neste processo a resistência como algo imanente à escrita. É nessa lógica que Bosi dirá que:

A escrita de resistência, a narrativa atravessada pela tensão crítica, mostra, sem retórica nem alarde ideológico, que essa "vida como ela é" é. Quase sempre, o ramerrão de um mecanismo alienante, precisamente o contrário da vida plena e digna de ser vivida (BOSI, 1996, p. 23).

Ainda tendo em vista as questões relativas à resistência, narrativas e exclusão e relacionando-as às questões dos direitos humanos¹, também é interessante considerar as discussões de João Luis Pereira Ourique (2013) sobre a *renovada capacidade de sofrer*, onde aborda a questão dos excluídos e da resistência a partir da obra *O Fígado de Prometeu*, de Antonio Callado. Neste trabalho Ourique diz que “para que sejamos capazes de entender o próprio processo formativo em sua dinâmica excludente” é preciso “resistir ao pensamento consolidado, às verdades absolutas, é se tornar humano. Ao compartilharmos as vitórias brindamos o fracasso do humano” (OURIQUE, 2013, pp.105-28). Na verdade, o que o autor busca discutir é a necessidade de se ampliar os pontos de vistas de análise daqueles que compõe os estratos sociais excluídos nas narrativas, geralmente marcados pela dicotomia sucesso/fracasso. Nesse sentido, buscar compreender os miseráveis e excluídos, como o caso dos proletas de 1984, demandaria compreender todos os processos que os colocam em tal condição de opressão de modo que sua resistência dá-se não só pela possibilidade de “vencer” ou

¹ A relação é tratada por Antonio Candido no ensaio “direito à literatura”. Segundo Candido (2011: 193) “uma sociedade justa pressupõe o respeito aos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis, é um direito inalienável.”

Mosaico (Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - UNESP) São José do Rio Preto, SP - Brasil, 2017.

“perder”. Ourique (2013) então avança as discussões de Alfredo Bosi sobre narrativa e resistência e propõe uma terceira possibilidade de análise dos excluídos, a que mostra o “excluído dentro do sistema, ou seja, daquele que se torna objeto e autor, sendo que este objeto/sujeito não é um excluído a priori, mas sim alguém que não brinda a vitória” (OURIQUE, 2013, pp.105-28).

Até aqui trouxemos relevantes observações que colaborarão para a análise dos proletas, a classe marginalizada no romance *1984*. Todavia, antes de dedicarmos-nos com profundidade aos problemas e às questões dos proletas, temos de levar em consideração que estes, no universo ficcional de *1984*, estão sob o jugo e controle totalitário do Partido, que sob a liderança da figura do Grande Irmão, governa a sociedade de Oceânia. Então, para que não corramos o risco de elaborar reflexões simplistas, ou não considerar todos os fatores envolvidos na ação – ou na inação – dos proletas no interior do romance de George Orwell, é imperioso compreender as ideologias totalitárias.

De acordo com Hannah Arendt (1998, p.509) o que ideologias totalitárias visam “não é a transformação do mundo exterior ou a transformação revolucionária da sociedade, mas a transformação da própria natureza humana”. No caso de *1984*, a violência do Partido com os proletas é ainda maior, pois, para sua filosofia, conforme o próprio slogan partidário, “proletas e animais são livres”. Assim, ao “retirar” dos proletas sua humanidade equiparando-os aos animais, o Partido evoca entre os seus integrantes a ideia de superioridade de raça e com isso “justifica” qualquer de suas atitudes ou medidas totalitárias contra os proletas, ou seja, a desumanização dos proletas “autoriza” qualquer tipo de violência ou esquecimento do Estado para com essa parcela de sua sociedade. Esta, aliás, é uma prática muito comum em regimes eugenistas, como o caso do nazismo, por exemplo. Também não esqueçamos que este tipo de pensamento, no caso do Brasil, era utilizado pela política escravagista, e ainda hoje está presente entre

movimentos racistas e supremacistas espalhados pelo mundo. Mas não percamos a linha de raciocínio, retomemos alguns elementos sobre o totalitarismo que precisam ser levados em conta para esta abordagem. De acordo com Arendt:

é da própria natureza dos regimes totalitários exigir o poder ilimitado. Esse poder só é conseguido se literalmente todos os homens, sem exceção, forem totalmente dominados em todos os aspectos da vida (ARENDR, 1998, p.507).

Aqui é interessante estabelecer diálogo com a própria descrição da ideologia do Partido. Ela surge em síntese a partir da declaração feita por O'Brien (agente duplo que se tornará o grande carrasco de Winston Smith ao final do romance) durante o interrogatório que faz a Winston Smith. Neste encontro O'Brien revela as verdadeiras intenções do Partido:

O Partido deseja o poder exclusivamente em benefício próprio. Não estamos interessados no bem dos outros; só nos interessa o poder em si. Nem riqueza, nem luxo, nem vida longa, nem felicidade: só o poder pelo poder, poder puro. O que significa poder puro? Você [Winston] vai aprender daqui a pouco. Somos diferentes das oligarquias do passado porque sabemos muito bem o que estamos fazendo. Todos os outros, inclusive os que se pareciam conosco, eram covardes e hipócritas. Os nazistas alemães e os comunistas russos chegaram perto de nós em matéria de métodos, mas nunca tiveram coragem de reconhecer as próprias motivações. Diziam, e talvez até acreditassem, que tinham tomado o poder contra a vontade por um tempo limitado. E que na primeira esquina da história surgiria um paraíso em que todos os seres humanos seriam livres e iguais. Nós não somos assim. Sabemos que ninguém toma o poder com o desejo de abandoná-lo. Poder não é um meio, mas um fim. Não se estabelece uma ditadura para proteger uma revolução. Faz-se a revolução para instalar a ditadura. O objetivo da perseguição

é a perseguição. O objetivo da tortura é a tortura. O objetivo do poder é o poder (ORWELL, 2013, pp. 307-8).

O impacto da informação dada por O'Brien é fulminante, e não desmascara tão somente o regime do Grande Irmão, mas poder-se-ia aplicá-la aos regimes totalitários conhecidos pela humanidade, em que, embora sem a coragem ou sinceridade de O'Brien, por princípio sempre estiveram embebedos pelo simples desejo do poder pelo poder. Para Arendt (1998, p.12), um dos estágios finais do totalitarismo é o *mal absoluto*, segundo ela, "absoluto, porque já não pode ser atribuído a motivos humanamente compreensíveis". Ainda conforme Arendt (1998, p.12), "sem ele - o *mal absoluto* -, poderíamos nunca ter conhecido a natureza realmente radical do mal". Natureza esta que em grande parte está descrita na confissão sombria e destituída de qualquer compaixão ou humanidade, feita por O'Brien. Com tais premissas e como exemplifica Arendt (1998, p.371), "o totalitarismo que se preza deve chegar ao ponto de acabar com a existência autônoma de qualquer atividade que seja, mesmo que se trate de xadrez". Levando em consideração o que expomos até agora, podemos ter, mesmo que minimamente, noções da complexa e oprimida existência dos proletas na obra de Orwell.

Embora já tenhamos uma descrição parcial das relações de poder a que os proletas estão subjugados no romance, retomemos brevemente a trama de 1984, em linhas gerais, para que possamos ampliar a compreensão do universo a que pertencem os proletas. Narrado em terceira pessoa, o romance conta a história de Winston Smith, integrante do Partido, que de alguma forma, talvez seja o único a ter "escapado" do controle pleno do regime. Entretanto, para isso, conforme declara o narrador "era preciso uma série interminável de vitórias sobre a própria memória" (ORWELL, 2013, p.37). Na obra acompanhamos a jornada de Winston Smith, de modo que a cada capítulo o regime opressor e totalitário imposto pelo Partido e pelo Grande Irmão vai revelando-se

ao leitor. Com um mundo dividido em três grandes potências, a Oceânia, nação de Winston, a Lestásia e a Eurásia, países com quem Oceânia vive em guerra permanente, intercalando o inimigo externo de acordo com os interesses do regime. Sobre este estado permanente de guerra Julia, amante de Winston, dirá “que era provável que as bombas-foguete que caíam diariamente sobre a cidade fossem disparadas pelo próprio Governo de Oceânia. “Só para manter a população amedrontada.”(ORWELL, 2013, p.183). Com um Estado repressor, bélico, burocrático, e em guerra permanente, Oceânia utilizará de distintas e variadas ferramentas de controle social da sua população, integrante ou não dos quadros do Partido. Tais questões, além da narrativa em terceira pessoa, também serão abordadas pela voz em primeira pessoa de Winston Smith, que em suas “pequenas vitórias” sobre a memória passará a redigir um diário, ação extremamente revolucionária, pois esta era uma das atividades as quais o Partido não toleraria, como fica claro neste trecho:

não que isso fosse ilegal, (nada era ilegal, visto que já não existiam leis) mas se o fato fosse descoberto era praticamente certo que o punissem com a morte ou pelo menos vinte e cinco anos de prisão em algum campo de trabalhos forçados (ORWELL, 2017, p.17).

É justamente em seu diário que Winston colocará nos proletas sua esperança de que toda a opressão do Partido um dia possa chegar ao fim. “Se é que há esperança... a esperança está nos proletas” (ORWELL, 2013, p.88) escreve ele entre a esperança e a resignação. É isso que nos leva então a ter de conhecer quem são os proletas de 1984. Para tanto, vejamos como a narrativa apresenta-os:

Nasciam, cresciam pelas sarjetas, começavam a trabalhar aos doze anos, aos trinta chegavam à meia-idade, em geral morriam

A IMPOSSIBILIDADE DO REVOLUCIONAR-SE: UM OLHAR SOBRE OS PROLETAS EM 1984, DE GEORGE ORWELL

aos sessenta. (...) O Partido ensinava que os proletas eram inferiores naturais que deviam ser mantidos dominados, como os animais, mediante a aplicação de umas poucas regras simples. (...) trabalho físico pesado, cuidados com a casa e os filhos, disputas menores com os vizinhos, filmes, futebol, cerveja e, antes de mais nada, jogos de azar preenchiam o horizonte de suas mentes. (...) deles só se exigia um patriotismo primitivo, que podia ser invocado quando fosse necessário fazê-los aceitar horários de trabalho mais longo ou rações mais reduzidas (ORWELL, 2013, pp.90-1).

Se através do narrador – e também pelas reflexões do próprio Winston Smith – podemos ter uma noção mínima da precariedade existencial dos proletas, será no livro proibido de Emmanuel Goldstein, *Teoria e prática do coletivismo oligárquico* que encontraremos uma descrição mais clara da posição social dos proletas. O livro de Goldstein está inserido internamente ao romance e analisa o regime do Partido, e a composição social em 1984:

Abaixo do núcleo do Partido vem o Partido Exterior, que, se o Núcleo do Partido é tido como cérebro do Estado, poderia ser adequadamente visto como as mãos do Estado. Abaixo estão as massas ignaras que habitualmente denominamos “os proletas”, totalizando cerca de oitenta e cinco por cento da população. Nos termos de nossa classificação anterior, os proletas são os Baixos... (ORWELL, 2013, p.245).

Como podemos ver, nos é apresentada a divisão piramidal da sociedade de 1984 em três classes: os Altos, os Médios e os Baixos, cujos objetivos e relações são demonstrados da seguinte forma:

Os objetivos dos três grupos são inconciliáveis. O objetivo dos Altos é continuar onde estão. O objetivo dos médios é trocar de lugar com os altos. O objetivo dos Baixos, isso quando têm um objetivo – pois uma das características marcantes dos Baixos é o fato de estarem tão oprimidos pela trabalhadeira que só a

Mosaico (Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP) São José do Rio Preto, SP – Brasil, 2017.

A IMPOSSIBILIDADE DO REVOLUCIONAR-SE: UM OLHAR SOBRE OS PROLETAS
EM 1984, DE GEORGE ORWELL

intervalos mantêm alguma consciência de toda e qualquer coisa externa a seu cotidiano – é abolir todas as diferenças e criar uma sociedade na qual todos os homens sejam iguais (ORWELL, 2013, p.238).

Tal estrutura social faz com que “assim, ao longo da história, um conflito cujas características básicas permanecem inalteradas se repete uma ou outra vez” (ORWELL, 2013, p.238), mas sem jamais conseguir alguma mudança real das estruturas sociais. Observemos que nesta abordagem George Orwell traz questões que poderiam ser aplicadas a uma grande quantidade países marcados pela desigualdade social. Nessas sociedades erigidas por camadas sociais bastante distintas e desiguais, a pirâmide de desigualdade é geralmente garantida (ou protegida) por regimes autoritários, e em seus exemplos mais drásticos, por governos totalitários. Além disso, vale lembrar que nem mesmo em sociedades democráticas tem sido fácil a conciliação de interesses entre médios, ricos e pobres. E mesmo quando tais classes sociais entram em conflito, pouco se muda no sistema como um todo. Dizemos isso para demonstrar que a característica excludente do Estado em 1984 possui seus paralelos a uma grande parte das nações existentes, que assim como no livro, têm nas camadas mais pobres a grande parcela de seus habitantes. Será pois essa questão quantitativa que fará “brilhar” em Winston Smith um esgar de esperança representado pelos proletas, como podemos vemos no trecho abaixo:

Se é que havia esperança, a esperança só podia estar nos proletas, porque só ali, naquelas massas desatendidas, naquele enxame de gente, oitenta e cinco por cento da população de Oceânia, havia possibilidade de que se gerasse a força capaz de destruir o Partido. Impossível derrubar o Partido de dentro para fora. (...) os proletas, porém, *se de algum modo acontecesse o milagre de que se conscientizassem* da força que possuíam, não teriam necessidade de conspirar. Bastava que se sublevassem e se sacudissem, como um cavalo se sacode para expulsar as moscas. *Se quisessem,*

Mosaico (Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP) São José do Rio Preto, SP – Brasil, 2017.

A IMPOSSIBILIDADE DO REVOLUCIONAR-SE: UM OLHAR SOBRE OS PROLETAS EM 1984, DE GEORGE ORWELL

podiam acabar com o partido na manhã seguinte. Mais cedo ou mais tarde eles teriam a ideia de acabar com o Partido, não teriam? (ORWELL, 2013, pp.88-9, *grifos nossos*).

Percebemos neste trecho que o narrador demonstra também *certaincompreensão* pela inércia dos proletas. Mais do que incompreensão, há certa insatisfação do narrador ao praticamente culpar as vítimas pelo crime que sofrem. Tal sentimento parece-nos uma fusão da voz do narrador e da própria consciência de Winston Smith de modo que durante uma de suas caminhadas pelos bairros pobres proletários e diante da tentativa de “tirar” deles alguma reminiscência histórica dos tempos anteriores ao Partido, a perplexidade de Winston com a “falta de consciência” dos proletas novamente será descrita pelo narrador:

Recordavam de coisas fúteis, a briga com um colega de trabalho, as horas passadas em busca de uma bomba de bicicleta extraviada, a expressão do rosto de uma irmã falecida muitos anos antes, os redemoinhos que o vento de poeira certa manhã setenta anos antes; porém todos os fatos relevantes permaneciam fora do alcance de sua visão. Eram como a formiga, que consegue ver pequenos objetos, mas não enxerga os grandes (ORWELL, 2013, p.114).

Entretanto, para refletir sobre o processo de controle e opressão imposto aos proletas em 1984, é preciso desprender-se das recriminações e buscar compreender todos os processos e todas as armas e ferramentas utilizadas pelo poder para que não se crie qualquer condição de questionamento a ele. Por isso é fundamental no caso de 1984 levarmos em consideração todas as estratégias utilizadas pelo Partido. De acordo com Arendt (1998, p.410) “a propaganda totalitária cria um mundo fictício capaz de competir com o mundo real”. A propaganda será um dos mecanismos utilizados pelo Estado de

Oceânia para “entreter” os proletas das grandes questões, tanto que ao Ministério da Verdade:

Cabia não apenas suprir as inúmeras necessidades do Partido como também reproduzir toda essa operação em nível inferior, em *benefício do proletariado*. Havia uma série de departamentos dedicados especificamente à literatura, à música, ao teatro e ao entretenimento proletário em geral. Ali eram produzidos jornais populares contendo apenas e tão somente esportes, crimes e astrologia, romances sem a menor qualidade, curtos e sensacionalistas, filmes com cenas e mais cenas de sexo, e canções sentimentais compostas de forma totalmente mecânica por uma modalidade especial de caleidoscópio conhecida como versificador. Havia inclusive uma subseção inteira – “pornodiv” em novafala – dedicada à produção do tipo mais grosseiro de pornografia (ORWELL, 2013, pp.57-8, *grifos nossos*).

Vejam, portanto, que há todo um aparato estatal de propaganda, “arte” e “cultura” trabalhando para que os proletas permaneçam “inertes”, afinal, para o Partido “Não era desejável que os proletas tivessem ideias políticas sólidas” (ORWELL, 2013, p.91). Assim, a loteria “com seus prêmios milionários, era o único acontecimento público que efetivamente despertava o interesse dos proletas” (ORWELL, 2013, p.106) e constituía outro mecanismo a manter a atenção dos proletários desviada da opressão do Partido. Conforme diz o narrador “era muito provável que para milhões deles a Loteria fosse o principal, senão o único, motivo para continuar vivos” (ORWELL, 2013, p.106). Para os objetivos do Estado, a loteria para os proletas funcionava como um “analgésico”, sendo seu único “estimulante intelectual” não reprimido.

A propaganda e a loteria sozinhas já constituem fortes elementos de controle social em 1984. Além destas políticas mencionadas, o Estado e a ideologia do Partido terão no *trabalho* outra forma eficiente de manter os proletários aprisionados pelas *pequenas questões*. A própria

extenuação física provocada pelas longas e extenuantes jornadas de trabalho impossibilitam aos proletas momentos para o pensamento e a reflexão. É nesse sentido que se iniciam as manifestações físicas de violência impostas “aos outros”, que, como já abordamos aqui, são destituídos de qualquer humanidade, a partir da equiparação dos proletas aos animais, como prega o lema do Partido. Dos proletas, então, eram exigidos longos horários de trabalho e resiliência para aceitarem suas rações reduzidas. Para o Partido desde que os proletas *continuassem trabalhando e procriando* bastava, e assim continuasse sua política de controle e opressão sem correr o risco de qualquer oposição por parte dos excluídos. A relação dos proletas com o trabalho descrita pelo narrador também demonstra a permanente condição de subjugação dos oprimidos pelo regime que vigora. Tanto que, quando dos predecessores capitalistas (que governavam antes do Grande Irmão) e durante o *Socing*¹, dos proletas exigia-se a mesma coisa: que trabalhassem de forma precária e sub-humana. Além disso, o Estado os mantém “abandonados a si mesmos, tal como gado solto nos pampas argentinos” (ORWELL, 2013, p.90). A situação de calamitoso desamparo social a que os proletas estão submetidos ainda pode ser percebida na descrição da Londres da Oceânia de 1984:

Era assolada pela criminalidade, um verdadeiro mundo paralelo de ladrões, bandidos, prostitutas, traficantes de drogas e trambiqueiros de todos os tipos; mas como tudo isso acontecia entre os próprios proletas, não fazia a menor diferença (ORWELL, 2013, p. 91).

Observemos que até agora descrevemos um ambiente político e social em que o ato de se rebelar torna-se praticamente uma impossibilidade. Com tantas ações oficiais organizadas pelo Estado com

¹ Socing é a definição em *novafala* para “socialismo inglês”, ideologia política adotada pelo Partido e que é descrita em seus conceitos mais amplos no livro proibido de Emmanuel Goldstein.

Mosaico (Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP) São José do Rio Preto, SP – Brasil, 2017.

o intuito de manter seu maior estrato populacional sob intenso controle, e inerte, presos em sua permanente condição de sofrimento, se reduz sensivelmente a possibilidade de revolução pelos proletários. Isto justifica o paradoxo registrado por Winston Smith em seu diário:

Enquanto eles não se conscientizarem, não serão rebeldes autênticos e, enquanto não se rebelarem, não têm como se conscientizar. (ORWELL, 2013, p.90).

Precisamos levar em consideração que em sua política de poder as estratégias do Partido “tomam conta” tanto daqueles que compõe sua estrutura hierárquica quanto os que ele mesmo excluiu, ou seja, os proletas. Assim, ferramentas como a *supressão do passado* servem para a tarefa de isolar e atomizar seus integrantes, como para controlar os exclusivos proletários. Nesse sentido, para o Partido:

A modificação do passado é necessária por duas razões, uma das quais secundária e, por assim dizer, preventiva. A razão é que o membro do Partido tal como o proletário, tolera as condições vigentes em parte porque não dispõe de termos de comparação (ORWELL, 2013, p.250).

Além disso, somam-se a esses elementos de controle e manutenção do *status quo*, a instituição da guerra, questão importante para os interesses do Partido. Sobre a guerra os “proletas só têm consciência da guerra intermitente. Sempre que se necessário é possível espicaçá-los para que tenham surtos de medo e ódio” (ORWELL, 2013, p.254). Então, quando é de interesse do Partido a propaganda de guerra é espalhada e “os proletas, normalmente apáticos no que se dizia respeito à guerra” são “incitados a entrar em um de seus surtos periódicos de patriotismo” (ORWELL, 2013, p.130).

Até aqui imaginamos que já se possa ter noção do sufocamento e supressão de qualquer vida autônoma entre os proletas. Mas, digamos

que se dentre eles algum proleta conseguisse superar todos estes obstáculos apontados ao longo deste artigo – *e isto era algo que vez ou outra acontecia* – e tentasse – ou pelo menos fosse capaz – de liderar uma revolução. Como outra instância de defesa e proteção do Partido e seu regime, ainda seria preciso superar a Polícia de Ideias. Em 1984 ela age infiltrada entre os proletários denunciando e fazendo “desaparecer” qualquer indivíduo que possa representar riscos ao Partido e ao Grande Irmão. Nessa perspectiva, poderíamos lembrar de Theodor Adorno quando ele diz que:

A pressão do geral dominante sobre tudo que é particular, os homens individualmente e as instituições singulares, tem uma tendência a destroçar o particular e individual juntamente com seu potencial de resistência(ADORNO, 1995, p.121).

Diante disso, os sacrifícios e as dificuldades impostas aos proletas são tantas que justificam o escárnio e desprezo da voz de O’Brien ao interpelar Winston Smith durante o interrogatório. Diz ele:

Nós controlamos a vida, Winston, em todos os níveis. Você está imaginando que existe uma coisa chamada natureza humana. Os homens são infinitamente maleáveis. Ou será que você voltou à sua velha ideia de que os proletários ou os escravos se levantarão e nos derrubarão? Tire isso da cabeça. Eles não têm saída. São como animais. A humanidade é o Partido (ORWELL, 2013, p.314).

A respectiva fala de O’Brien provoca-nos uma série de reflexões, inclusive de o que seria humanidade, pois se humanidade fosse o Partido como propõe O’Brien, significaria, portanto, que o *ser humano* é a pior das monstruosidades. A isso, sobre *o ser humano*, Winston Smith ao distinguir a classe proletária dos atomizados integrantes da estrutura do Partido, contrapõe numa espécie de epifania concluindo que “os proletas são seres humanos. Nós não somos seres humanos”

(ORWELL, 2013, p.198). A justificativa para sua afirmação dá-se depois da compreensão atingida ao lembrar de sua infância, do desaparecimento da mãe, de seu amor, das suas atitudes, momento que lhe ocorrerá:

Os proletas haviam permanecido nesse estado. Não eram leais nem a um partido, nem a um país, nem a uma ideia. Eram leais uns aos outros. Pela primeira vez na vida não desprezou os proletas nem pensou neles apenas como uma força inerte que um dia despertaria para a vida para reformar o mundo. Os proletas haviam permanecido humanos. Não estavam enrijecidos por dentro. Haviam se aferrado a emoções primitivas que ele próprio era obrigado a reaprender mediante um esforço consciente (ORWELL, 2013, pp.198).

Será esta compreensão construída por Winston que transformará o pequeno trecho rabiscado em seu diário em algo mais elaborado, capaz de estabelecer provavelmente a mais significativa quebra da distopia na narrativa de George Orwell. Seu olhar construído pela experiência e também pela leitura do livro de Goldstein reforçará as suas esperanças, mesmo que longínquas. Para Winston Smith, mais do que esperança, os proletas poderiam representar o utopismo de um mundo diferente, um novo mundo, mais igual e humano, conforme vemos:

O futuro pertencia aos proletas. E porventura ele podia ter certeza de que quando chegasse a hora deles, o mundo não seria para ele, Winston Smith, tão hostil quanto o mundo do Partido? Sim, porque seria no mínimo um mundo são. *Onde há igualdade pode haver sanidade mental.* Mais cedo ou mais tarde aconteceria: a força se transformaria em consciência. Os proletas eram imortais, não havia como duvidar disso diante daquela figura destemida no quintal. Algum dia eles despertariam. E enquanto não despertassem, mesmo que levasse mil anos, *sobreviveriam a todas as adversidades, como passarinhos*, transmitindo de um corpo

para o outro a vitalidade que o Partido não compartilhava e que não conseguia aniquilar (ORWELL, 2013, p.260, *grifos nossos*).

Obviamente, precisamos problematizar a reflexão positiva construída por Winston sobre os proletas; se por um lado ele finalmente mostra-se capaz de superar seu desprezo pelos excluídos, por outro, sua reflexão ainda está impregnada pela dificuldade de superar determinados estigmas. O primeiro deles, podemos relacionar com a incapacidade que as pessoas têm de imputar aos humanos a capacidade de perpetrar “o mal absoluto”, como o praticado pelos regimes totalitários do Século XX. Não raro, diante das atrocidades humanas há a tentativa de justificá-las terceirizando a culpa à loucura, por exemplo, do que simplesmente reconhecer as possibilidades da maldade que os homens são capazes de fazer. Tal questão pode estar relacionada a nossa dificuldade de compreender que *poder* possa significar a “capacidade de infligir dor e sofrimento ilimitados a outro ser humano” (FROMM, 2013, p.373). Além disso, a consciência positiva de Winston a respeito do proletariado também mostra-se incapaz de superar o processo de desumanização que o Partido lhes impõe. “Proletas e animais são livres” (ORWELL, 2013, p.91) diz o lema, e mesmo ao depositar nos proletas todas as suas esperanças, Winston acaba naturalizando e animalizando os proletas ao compará-los a passarinhos. Todavia, se Winston Smith, mesmo construindo um novo olhar sobre a suposta inércia da classe proletária não supera alguns estigmas, é interessante ver sua compreensão de que quando a ordem vigente realmente se alterasse, provavelmente este seria um mundo em que um sujeito atomizado (como ele mesmo) e destituído de suas características humanas não encontraria lugar. Essa, aliás, é uma confissão deveras corajosa. Por conseguinte, ao romper com a imagem dos proletas com mera força inerte, Winston Smith traça um diálogo com o que propõe Ourique (2013, pp.105-28) sobre os excluídos, de que “uma força para resistir está presente na desesperança, nos pequenos atos heroicos que

ficam perdidos entre façanhas maiores de dominação”. Nesse sentido, ainda para Ourique (2013, pp.105-28) “Se temos a nossa renovada capacidade de *sofrer*, também temos a renovada capacidade de viver e permanecer, de dizer que ainda estamos aqui”, como os passarinhos proletários de Winston Smith.

Enfim, aproximamo-nos do final de nossas reflexões e assim como Winston Smith em 1984, podemos partir para a compreensão de que entender a resistência dos marginalizados e oprimidos pressupõe, antes de mais nada, ponderar e considerar todos os elementos utilizados pelo poder dominante vigente e pelo Estado para manterem-se inalterados. Ter em mente estes fatores condicionantes é fundamental para que não se culpe a vítima pelas atrocidades perpetradas por seus algozes. Como vimos aqui, o poder em sua sede de perpetuação construirá e aplicará mecanismos que impedem a conscientização ou comparações que permitam que sejam confrontados. Como exposto num dos trechos do livro de Emmanuel Goldstein sobre o *socing*:

As massas nunca se revoltam por iniciativa própria, e nunca se revoltam não só porque são oprimidas. Acontece que enquanto não lhes for permitido contar com termos de comparação, elas nunca chegarão sequer a dar-se conta que são oprimidas (ORWELL, 2013, p.244).

Portanto, sem nos fecharmos a outras leituras e interpretações do romance 1984, ou tampouco desconsiderar as problemáticas desta argumentação, diante do que nos dispomos a refletir neste texto, cremos que diante de uma abordagem a partir das perspectivas dos proletas, a revolução surge como uma grande impossibilidade. Estando os oprimidos e marginalizados subjugados por Estados totalitários e autoritários detentores de poderes extremamente desiguais, a primeira e grande batalha, portanto, tem que dar-se com a construção de um conhecimento que lhes permita, antes de tudo, conscientizarem-se. Mas

ERALLDO, D.

este é o paradoxo percebido por Winston, e, que até então, parece-nos sem propostas ou soluções pensadas.

ERALLDO, D. A impossibilidade do revolucionar-se: um olhar sobre os proletas em 1984, de George Orwell. Mosaico. São José do Rio Preto, v. 16, n. 1, p. 453-471, 2017.

THE IMPOSSIBILITY OF REVOLUTION: A STUDY ON THE "PROLES" IN 1984, OF GEORGE ORWELL

ABSTRACT: This work aims to the reflection regarding the inert force and the "inability" of revolutionize against authoritarian or totalitarian regimes, from the perspective of the "proles" in the George Orwell's novel *1984*, problematizing the experience drama of the marginalized and oppressed, subjugated by the power violence.

KEYWORDS: Totalitarianism; dystopian; authoritarianism; George Orwell; 1984;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. W. *Educação e Emancipação*, Trad. De Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 1995. 190p.

ARENDRT, H. *As Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 832p.

BOSI, A. *Literatura e Resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 304p.
_____. *Narrativa e Resistência*. Revista Itinerários/UNESP (São Paulo), n.10, pp.11-27, 1996.

FROMM, E. *Posfácios*. In: ORWELL, G., 1984 (13ª Impressão). São Paulo: Companhia das Letras, 2013. pp.365-79.

ORWELL, G. *1984* (13ª Impressão). São Paulo: Companhia das Letras, 2013. 416p.

OURIQUE, J. L. P. *Sobre a nossa renovada capacidade de sofrer... Uma leitura d'O fígado de Prometeu, de Antonio Callado*. In: FOSTER, D. W. et. al. *Excluídos e Marginalizados na Literatura, uma estética dos oprimidos*. Santa Maria: Editora UFSM, 2013. pp.105-28